

# **Salgados – um sítio com produção de ânforas. Contributo para o estudo da ocupação romana no estuário da Ribeira de São Lourenço (Almancil – Loulé – Faro)**

João Pedro Bernardes  
Universidade do Algarve

Fernando Dias

Marco Santos

Sofia Carrusca

Vânia Mendonça

Licenciados em Património Cultural  
pela Universidade do Algarve

## **Introdução**

O sítio arqueológico dos Salgados localiza-se junto à margem esquerda da ribeira de São Lourenço, aproximadamente a 400 m para SE do dique do Ludo. Administrativamente pertence à freguesia de Almancil, concelho de Loulé, a algumas dezenas de metros da linha divisória entre este concelho e o de Faro (Fig. 1). A área com os vestígios arqueológicos situa-se junto a um pequeno olival circundado por um vasto pinhal e pomar de citrinos, sob as coordenadas 7° 59' 27" Long. W e 37° 02' 53" Lat. N. Neste local observam-se inúmeros materiais cerâmicos de cronologia romana à superfície e num corte existente no terreno.

Tendo este arqueosítio sido identificado, ocasionalmente, na sequência de um percurso pedestre em Março de 2004, por um grupo de alunos da Universidade do Algarve que deu conhecimento ao Prof. Doutor João Pedro Bernardes, e verificando-se estar o sítio inédito, surgiu a oportunidade e o incentivo para a realização do presente artigo.

Para além do objectivo de dar a conhecer o sítio dos Salgados pretende-se, também, esboçar o quadro do aproveitamento do antigo estuário da Ribeira de São Lourenço na época romana, e apresentá-lo no contexto do litoral algarvio numa perspectiva de influência, ligação e até de dependência directa do porto de *Gades*, à luz das descobertas realizadas recentemente. O porto de *Gades*, com o qual o de *Ossonoba* manteve estreitas relações, funcionou como a grande placa giratória que ligava o extremo do ocidente mediterrânico ao centro do Império Romano e ao Norte de África.

## Enquadramento geomorfológico e histórico

Em termos geográficos, o sítio enquadra-se numa zona de antiga reentrância marinha que formava uma baía interior com ligação directa ao mar (Oliveira, 1977: 237). Segundo Sebastião Teixeira “*durante o Holocénico inferior os vales das linhas de água encontrar-se-iam desimpedidos e as fozes caracterizar-se-iam pela presença de amplos estuários.*” Em tempos mais recentes “*com a desaceleração da velocidade de subida do nível do mar...*” e com a sedimentação natural do vale da ribeira, resultante da erosão e dos materiais terrosos transportados pelas torrentes, iniciou-se um processo de colmatção de toda a zona estuarina (Teixeira, 1999/00: 44). Com a evolução do processo de assoreamento formou-se uma zona de “*...sapal inundável (Assa, i), e em seguida não inundável (Assa), ambos muito salgados*”, facto que poderá justificar o topónimo Salgados. Na zona mais a montante desenvolveu-se o processo de dessalgamento devido às águas pluviais e às inundações originadas pela ribeira (Oliveira, 1977: 237). A camada “*...superior destes aluviões é composta por níveis argilo-arenosos, que se sobrepõem a outros mais grosseiros, com blocos que podem exceder 20 cm*” (AA. VV., 1987: 31). Actualmente, esta área de antigo estuário é um vasto vale aluvial com exploração agrícola para montante do dique do Ludo e salicultura nos 1500 m, aproximadamente, acima da foz comum com a ribeira da Gondra. Entre o referido dique e o início das salinas, cerca de 2 km, existe uma área de sapal onde no século XX foram abertos, por via mecânica, vários canais paralelos com o objectivo de facilitar o escoamento de águas. O leito actual da ribeira de São Lourenço segue zigzagueante ao longo do vale, marcado pelas transformações geomorfológicas e pela actividade antrópica (Fig. 1).

Ao longo dos séculos, este braço de mar deveria estender-se cinco ou seis quilómetros para o interior, cujas margens propiciaram uma fixação humana que visava o aproveitamento dos recursos naturais e potencialidades piscícolas da zona. A corroborar esta afirmação apresentam-se os achados paleolíticos efectuados nas margens deste vale, bem como os vários vestígios dos períodos romano e islâmico (Marques, 1992: 253-263).

O engenheiro Leal de Oliveira, no seu artigo “Subsídios para a localização de Farroilhas”, informa-nos da existência de dois antigos portos na zona do Ludo (vasta área, grosso modo, correspondente ao antigo estuário da Ribeira de São Lourenço), designados por porto da Pereira e de Farroilhas na baixa Idade Média. O porto da Pereira situar-se-ia em local “*...actualmente circunvizinho ao casario da Quinta do Ludo onde certamente chegaria o antigo golfo de S. Lourenço ou simples esteio aberto no sapal...*”, junto ou sobre a raia entre o concelho de Faro e de Loulé (Oliveira, 1977: 235, 243). Relativamente ao porto de Farroilhas surgem-nos, na documentação histórica, referências como porto de mar, localizado entre Faro e Quarteira, onde para além das pescarias se desenvolviam importantes actividades de comércio marítimo. Leal de Oliveira localiza-o na zona do ac-

tual “monte” do Ludo (Oliveira, 1977: 233, 243). A existência destes portos na Idade Média, que certamente se desactivaram por causa do assoreamento e pela formação de cordão dunar a cortar a ligação com o mar, levam-nos a formular a hipótese de uma tradição portuária mais antiga.

No período romano existiram inúmeros sítios de produção de *garum*, em toda a costa algarvia, destinado à exportação por via marítima (Bernardes, 2005: 41). Todos os locais com características naturais para servir de porto foram aproveitados (Matos, 1996: 23), dando lugar ao desenvolvimento de infra-estruturas e actividades, necessariamente, relacionadas.

### Descrição do sítio dos Salgados

O terreno, onde se localiza o sítio arqueológico dos Salgados, encontra-se relativamente aplanado formando um terraço, com uma cota de 6 m de altitude, junto da margem esquerda do vale da Ribeira de São Lourenço (Fig. 1/2). Este terraço, que apresenta sinais de ter sido intensamente explorado pelas práticas agrícolas e onde existe um pequeno olival e pomar de citrinos, é delimitado a Norte e a Sul por linhas de água, a Este por pequena elevação com 33 metros de altitude e a Oeste por um talude que desce para o vale a cota inferior. O talude apresenta um corte praticamente rectilíneo, feito aquando da abertura de uma vala para escoamento de águas, no sentido N.N.W. / S.S.E. As terras provenientes da execução desta vala, aberta por via mecânica, foram depositadas em vários montes na parte superior do corte ao longo de toda a vala.

É no corte e sua área envolvente, do lado do talude, que se encontra uma grande quantidade de materiais arqueológicos numa área aproximada de 3000 m<sup>2</sup>. À superfície do terreno e nos montículos de terra é possível observar vários fragmentos cerâmicos dispersos. Contudo, é mais significativa a concentração de materiais cerâmicos existentes no corte, que se estendem por cerca de 50 metros e que em algumas zonas atingem 40 cm de espessura, formando autênticas “entulheiras” (Fig. 3). É de salientar o facto de o corte em questão sofrer uma erosão permanente dando origem à escorrência de materiais que se acumulam na sua base.

Os materiais cerâmicos identificados são maioritariamente fragmentos de ânforas, *tegulae*, *imbrices* e *lateres*. Também foram encontrados fragmentos de cerâmica comum, terra *sigillata* e identificou-se, ainda, um fragmento de vidro. Para além da cerâmica, é interessante notar a presença de blocos irregulares de barro cozido, com sinais de fogo, que podem, possivelmente, sugerir a existência de um forno. Esta hipótese é, também, corroborada pela presença de fragmentos cerâmicos deformados, com pasta recozida e com aspecto vitrificado apresentando sinais de elementos não plásticos terem “rebentado” de-

vido ao excesso de calor. Este facto pode ser resultante de um longo tempo de cozedura e é habitualmente encontrado em ambientes de olaria.

Os indícios da existência de um forno e a grande quantidade de material anfórico, levam-nos a apresentar a hipótese do sítio dos Salgados ter sido mais um local de produção de ânforas no contexto do antigo estuário de S. Lourenço.

### **Contextualização dos Salgados no antigo estuário de S. Lourenço**

Após uma análise do sítio e da sua zona envolvente somos levados a crer que entre os séculos I e V o estuário que se estendia da foz até, possivelmente, junto da actual Quinta do Ludo de Cima oferecia óptimas condições para a fixação de pequenos “casais” ribeirinhos. Para além das actividades agrícolas e piscatórias poderiam dedicar-se à produção de preparados de peixe, de cerâmicas (ânforas, materiais de construção e cerâmicas comuns), e outros produtos destinados ao comércio por via marítima (Alarcão, 1990). O aproveitamento destas condições naturais, enquanto porto interior, para protecção das embarcações e povoações contra intempéries e saques por parte de corsários, parece ter sido uma determinante da ocupação romana na costa algarvia (Matos, 1996: 23). Era necessário conhecer muito bem o terreno para entrar, sair e navegar no antigo estuário que, evidentemente, protegia o porto e as populações ribeirinhas.

No contexto do antigo estuário da Ribeira de São Lourenço são actualmente conhecidos seis sítios com ocupação romana (Fig. 1), que nos permitem equacionar uma possível rede estratégica de produção e transacção de bens e produtos.

Desde o Séc. XIX que temos notícias da descoberta de grandes quantidades de fragmentos de ânforas junto da actual povoação de São João da Venda, conhecida hoje como um importante centro produtor de ânforas do litoral algarvio (Fabião; Arruda, 1990), situado a menos de 2,5 km do vale de S. Lourenço. Na zona da Quinta do Lago foi escavado, na década de oitenta do Séc. XX, um conjunto de cetárias e identificados dois fornos de produção de ânforas, provavelmente associados a uma área residencial com ocupação até ao Séc. V (*ibidem*). No ano 2000, em prospecções arqueológicas realizadas no âmbito de um estudo de impacto ambiental, foi identificado o sítio da Quinta do Ludo 2, situado junto da margem esquerda da Ribeira de São Lourenço, com vestígios à superfície que apontam para uma ocupação entre os Séculos II e V (Base de Dados do IPA – Endovélico). Neste sítio, parcialmente cortado pela estrada municipal 540, é perfeitamente visível, no corte, um pavimento de *opus signinum* que talvez se possa identificar com o fundo duma cetária. Uma recente intervenção, no âmbito de minimização de impactes, neste local entretanto ocupado por um campo de golfe, permitiu identificar um forno quadrangular, apa-

rentemente dedicado à cozedura de cerâmica de construção. Ainda nas proximidades da actual Quinta do Ludo, mas na margem oposta, foi recentemente identificado por um dos signatários (JPB) o sítio denominado na base de dados do IPA por Quinta do Ludo 4. No local, que foi terraplenado para implantação de pomar de citrinos, identificam-se inúmeros vestígios cerâmicos de materiais de construção, de cerâmicas comuns e escórias de fundição por uma vasta área. O corte que se encontra no limite Oeste do pomar de citrinos apresenta os restos osteológicos de duas inumações humanas, podendo, este sítio, ser considerado como mais um casal no contexto do estuário de S. Lourenço. Parte dos detritos resultantes das terraplenagens deste sítio devem ter sido depositados cerca de 1 Km a Sul na zona com o topónimo de Casas Velhas, onde em 2002 foram identificados materiais romanos com cronologias entre a segunda metade do século I e o Baixo Império.

Em 2001 foi identificado mais um sítio, com ocupação romana na margem direita da Rib.<sup>a</sup> S. Lourenço, em prospecções no âmbito de estudos de impacte ambiental. No local, designado por Porto das Vacas 1, foram identificados fragmentos de *sigillata*, cerâmica comum, de ânforas, *tegulae* e *imbrices* em menor quantidade e um numisma do imperador Cómodo que leva a colocar a hipótese de uma necrópole (Base de Dados do IPA – Endovélico).

O sítio dos Salgados funcionaria como mais uma unidade de apoio à produção de ânforas no estuário de S. Lourenço. Tendo em conta que o complexo de produção de *garum* da Quinta do Lago tinha fornos próprios e em São João da Venda existia uma grande produção, poderemos pensar numa exportação de vasilhame para outros pontos com indústria de preparados de peixe, na costa algarvia. Também não podemos excluir a possibilidade da existência de mais estabelecimentos com indústria de salga neste contexto, pois nunca aqui foram realizadas prospecções arqueológicas sistemáticas em toda a área e poderemos apenas conhecer uma pequena parte da realidade. Parece que as argilas locais teriam sido aproveitadas para a produção de outros materiais cerâmicos para além de ânforas, conforme é sugerido pelo forno da Quinta do Ludo 2.

A proximidade com a *Civitas Ossonobensis* leva-nos, logicamente, a enquadrar o contexto da ocupação e produção romanas do estuário de São Lourenço nos domínios desta cidade, que conheceu grande prosperidade na comercialização de preparados de peixe a partir de meados do Século III (Bernardes, 2005: 41).

### **Produção e comércio de preparados de peixe no litoral algarvio**

Se é certo que a produção e exportação de preparados piscícolas por todo o extremo ocidental mediterrânico já vem de longa data, sendo já objecto de referência em es-

critos gregos do século V a.C.<sup>1</sup>, é a partir do século I que se dá o seu grande desenvolvimento a tal ponto que têm eco em boa parte dos grandes escritores da Antiguidade como em Plínio (H.N., 31, 94), Marcial (Ep., 13, 40) ou mesmo nas *Epístolas* de Séneca (95, 25). Para tal parece revelar-se fundamental as campanhas militares lançadas por Cláudio, entre 40 e 44 d.C., contra a Mauritânia Tingitana, que criaram condições favoráveis ao pleno desenvolvimento de todo o litoral, concretamente pela relativa segurança que trouxeram à navegação de cabotagem. A bacia do Guadalquivir terá no decorrer destas campanhas uma importância estratégica como plataforma de apoio logístico às tropas que actuam do lado de lá do Estreito, com claras vantagens económicas para todo o sudoeste peninsular acrescidas pelos benefícios com que o imperador Cláudio parece premiar toda a região que garantiu o sucesso da operação, de que a municipalização de *Baelo* é exemplo (Montenegro, 1995: 296-297). O controlo de *Tingis* (Tânger) e do seu território vai permitir, ainda, debelar o perigo de pirataria e da constante instabilidade a que as costas algarvias estavam sujeitas em resultado da guerra de curso mais ou menos organizada levada a cabo pelos *Mauri*. É, pois, natural que a maior parte dos sítios algarvios e do litoral andaluz evidenciem a partir de Cláudio, e sobretudo nos consulados seguintes, um grande dinamismo económico a par da instalação de novos assentamentos que se traduz, antes de mais, pelo forte incremento de importações de produtos de regiões longínquas, de que as cerâmicas de *terra sigillata* do sul da Gália constituem um bom exemplo, ou pela exportação de preparados piscícolas e azeite.

O desenvolvimento das regiões litorâneas da bacia do Guadalquivir tem que ser, assim, entendido num contexto de equacionamento do controlo do Estreito de Gibraltar que só será realmente efectivo com o domínio das suas duas margens, permitindo, finalmente, o incremento de fluxos marítimos entre Itália e o sudoeste peninsular com escala nas costas gaulesas e tunisinas. Relacionado com aquele controlo estará o aumento das instalações de estabelecimentos ligados ao processamento de preparados piscícolas por todo o extremo mediterrânico com particular incidência na actual região do litoral andaluz, que as escavações de *Baelo Claudia*, só para citar um dos sítios mais conhecidos, demonstram.

Note-se que os estabelecimentos de salga da região algarvia, como os da Quinta do Lago, estariam inseridos na esfera de influência, senão de dependência, do porto de Cádiz, o grande centro exportador de referência. Políbio (34, 8, 1), quando fala da Lusitânia, alude mesmo ao alimento abundante dos fundos marinhos das suas costas que engordavam os atuns (T.H.A. III: 442), uma das espécies mais importantes às indústrias de salga e transformação. A zona gaditana famosa e amplamente referida pela qualidade

---

<sup>1</sup> As referências mais antigas aos preparados piscícolas da região gaditana aparecem-nos em variados textos como os do médico Hipócrates ou dos autores cómicos Eupolis, Antífanos ou Nicóstrato, filho de Aristófanes (cf. T.H.A. III: 438).

dos seus preparados piscícolas deve, pois, ser vista como uma área alargada que incluía as produções da costa algarvia, razão pela qual encontramos, em pleno século I, produtores algarvios em Cádiz a exportarem a sua produção para Itália (Étienne e Mayet, 2002: 105, 223, 229).

Perturbações sociais e movimentações militares decorrentes das invasões dos *Mauri* nos anos 70 do século II, vão alterar, aparentemente, a conjuntura desenvolvimentista em torno da exploração de recursos marítimos que a região de Cádiz experimentava, então, há já mais de um século.

As sublevações populares que assolam a Bética e as devastações mouras referidas nas biografias dos imperadores de Marco Aurélio (*Vita Marci*, 22, 11) e Septímio Severo (*Vita Severi*, II, 4) teriam, certamente, afectado a região algarvia pelo menos de forma indirecta. Porém, para a zona da actual Andaluzia, as consequências foram pesadas, tendo havido várias cidades sitiadas ou mesmo destruídas como podem fazer supor os abandonos de finais do século II de edifícios públicos de *Baelo* e *Munigua* (Sillières, 1997: 57-61). Por estas e/ou por outras razões, como as já referidas sublevações, as cidades do sul da Bética acabam por perder muito do dinamismo que as animou ao longo dos dois primeiros séculos da nossa Era, a que não teria sido alheio o facto de, a partir de então, a região andaluza ter ficado sob a alçada do governador da Mauritânia Tingitana.

Em pleno século III o pior da crise está ultrapassado. A região algarvia assume agora um protagonismo nunca antes visto, coincidente com a aparente decadência ou incapacidade de recuperação económica da área do Guadalquivir. Ora, é precisamente a partir do século III e durante o século IV que começam a proliferar por toda a costa algarvia sítios litorâneos com *cetariae*, da mesma forma que na área gaditana essas fábricas de preparados piscícolas, as *tarikeiai* mencionadas por Estrabão, abundavam nos séculos I e II. O pálido ressurgimento de cidades como a de *Baelo* já pouco tem a ver com os preparados piscícolas que, outrora, tinham sido uma das principais alavancas do progresso (Sillières, 1997: 188). A produção das *cetariae* algarvias vai como que preencher o espaço deixado em aberto pelos centros de produção do Guadalquivir, completando-os e concorrendo com eles, o que configura, ao contrário do que diz Edmondson<sup>2</sup>, a afirmação de uma verdadeira indústria regional virada para a exportação que as mais de duas dezenas de

---

<sup>2</sup> J. C. Edmondson no seu trabalho sobre o *garum* na Lusitânia, publicado em 1987, defende a tese de que a produção algarvia, ao contrário da do estuário do Sado, nunca teria atingido laivos de uma verdadeira indústria virada para a exportação. Dada a sua pequena dimensão, o autor canadiano sugere que os recursos piscícolas algarvios teriam desempenhado apenas um papel de complementaridade das actividades agro-pecuárias dos sítios litorâneos. Ora, com os conhecimentos hoje disponíveis, torna-se claro que Edmondson subavaliou a dimensão e quantidade das indústrias de *garum* algarvias, da mesma forma que não se apercebeu que a instalação de boa parte dos sítios com *cetárias* ocorrem em zonas de solos de fraca aptidão agrícola, como Carlos Fabião (1994) bem salientou.

sítios, onde se detectam testemunhos arqueológicos de processamento de preparados de peixe e de produção anfórica, testemunham. Note-se que este incremento das unidades fabris algarvias de transformação e salga ocorre numa altura em que muitas das congéneres na actual Andaluzia ou Norte de África findam as suas actividades (Ponsich e Tarradell, 1965).

A faixa litoral entre *Ossonoba* e Vilamoura, dois centros que experimentaram assinalável desenvolvimento nos séculos III e IV, testemunham o dinamismo económico centrado na exploração dos recursos piscícolas, propiciando o antigo estuário da ribeira de S. Lourenço condições muito favoráveis àquela prática.

### Considerações finais

No antigo estuário da ribeira de São Lourenço, actualmente assoreado, parece ter-se desenvolvido, a partir do século I d.C., uma intensa actividade económica ligada à preparação e exportação de preparados piscícolas. Esse dinamismo económico e comercial, que se teria prolongado pela Idade Média fomentado, em grande parte, pelo porto de Farrovilhas, estender-se-ia um pouco por toda a costa algarvia com particular protagonismo da zona entre Faro e Vilamoura onde se conhecem vários complexos fabris ligados ao processamento de peixe. Esta actividade parece ter atingido o seu apogeu entre a segunda metade do século III e o final do IV início do V, segundo apontam os dados arqueológicos. A grande quantidade de vestígios de *cetariae* e de sítios com produção anfórica, que se têm descoberto no Algarve, constituem um indicador preciso da existência de uma grande produção de preparados piscícolas destinados à actividade comercial. Toda esta produção era escoada para o centro do império e todo o mediterrâneo por via marítima através do porto de Gades, por onde também chegavam ao Algarve produtos de outras regiões.

Enquadrado nesta dinâmica o sítio arqueológico dos Salgados evidencia a presença de um centro de produção cerâmica, particularmente activo entre a segunda metade do século III e o final do século IV, início do V, ainda que a análise dos materiais permita supor que a sua instalação remonte a meados do século I d.C.<sup>3</sup> A produção seria maioritariamente de ânforas para o transporte de preparados piscícolas, embora também se produzissem cerâmicas de uso comum para o comércio regional.

Se a linha de costa e as características estuarinas da foz da ribeira de S. Lourenço propiciavam recursos abundantes e de fácil exploração, as argilas pliocénicas que mar-

<sup>3</sup> Já depois deste texto estar redigido, identificou-se no local um fragmento de *terra sigillata* itálica (forma Goudineau 39b) e outro de *terra sigillata* sudgálica marmoreada (forma Dragendorff 24/25).

ginam os aluviões do fundo do antigo estuário onde hoje corre aquela ribeira estimulavam a produção anfórica. É à luz do dinamismo destas actividades produtivas e consequente comercialização à distância que se deverá enquadrar e entender todo o desenvolvimento que a cidade de *Ossonoba*, o aglomerado de Cerro da Vila ou a *villa* de Milreu atingem no Baixo-império. É, aliás, dessa relação entre as comunidades aí residentes e o mar que nos falam, afinal, os mosaicos do Oceano de Faro ou, com a sua profusão de motivos marinhos, os de Milreu.

## Catálogo

Fragmento N.º 1 – Bocal de ânfora, Almagro 51c, com arranque das asas e colo. Pasta avermelhada, compacta com elementos não plásticos de pequenas dimensões. Engobe nas duas faces de coloração bege. Apresenta lábio de perfil triangular apontado, com encaixe para opérculo no seu interior. Colo curto, asas de fita com sulco longitudinal, arrancando da parte inferior do lábio. Dimensões: Diâmetro Externo do Lábio ( $\varnothing$ EL): 8,3 cm; Diâmetro Mínimo interno do Colo ( $\varnothing$ MiC): 4,1 cm; Dimensões da Asa (DA): 4,4 x 1,7 cm; Altura do Lábio (AL): 2,5 cm; Altura do Colo (AC): 6,2 cm.

Fragmento N.º 2 – Bocal de ânfora, Almagro 51c, com arranque de asa e colo. Pasta avermelhada, compacta com quartzos hialinos e leitosos e fragmentos de cerâmica triturada. Engobe nas duas faces de coloração bege. Lábio de perfil triangular apontado, com encaixe para opérculo no seu interior. Asa de fita com sulco longitudinal, arrancando da parte inferior do lábio. Dimensões:  $\varnothing$ EL: 8,6 cm; DA: 1,9 cm de esp.; AL: 2,4 cm.

Fragmento N.º 3 – Bocal de ânfora, Almagro 51c, com arranque de asa e colo. Pasta acinzentada, compacta com E.N.P. de quartzos hialinos e leitosos, de média dimensão, com sinais de recozimento. Engobe bege, parcial nas duas faces. Lábio de perfil triangular apontado, com encaixe para opérculo no interior. Asa de fita com sulco longitudinal, arrancando da parte inferior do lábio. Dimensões:  $\varnothing$ EL: 10 cm; DA: 1,8 cm de esp.; AL: 2,3 cm.

Fragmento N.º 4 – Bocal de ânfora, Beltrán II B ou Lusitana 11. Pasta calcária de cor bege, bastante compacta, bem depurada com poucos E.N.P. Lábio a terminar em aba de secção triangular. Bordo e colo separados por um pequeno ressalto. Dimensões:  $\varnothing$ EL: 21,6 cm; AL: 2 cm.

Fragmento N.º 5 – Bojo de ânfora (provavelmente Almagro 51 a-b), com arranque de asa. Pasta cinzenta, compacta com grandes E.N.P. de cerâmicas trituradas, quartzos e micas. Apresenta sinais de cozedura a altas temperaturas. Engobe bege na face externa e asa. Asa de secção ovalada. Dimensões: Espessura da Parede (EP): 0,9 cm; Diâmetro da Asa ( $\varnothing$ A): 2,7 cm.

Fragmento N.º 6 – Bico fundeiro de ânfora, Almagro 51c, com arranque de bojo. Pasta alaranjada, compacta com E.N.P. de cerâmicas trituradas, quartzos e micas. Engobe bege na face externa. Fundo cilíndrico e oco. Dimensões: Diâmetro Externo do Fundo ( $\varnothing$ EF): 4,9 cm; Altura do Fundo (AF): 5,7 cm; EP: 1,2 cm.

Fragmento N.º 7 – Bico fundeiro de ânfora, Almagro 51c, com arranque de bojo. Pasta acinzentada, compacta com E.N.P. de cerâmicas trituradas, quartzos e micas. Engobe bege na face externa. Fundo cilíndrico e oco. Dimensões:  $\varnothing$ EF: 4,5 cm; AF: 5,5 cm; EP: 1 cm.

Fragmento N.º 8 – Bordo de *terra sigillata* sudgálica, forma Dragendorff 27.

Fragmento N.º 9 – Bordo de *terra sigillata* sudgálica, forma Ritterling 8.

Fragmento N.º 10 – Parede de *terra sigillata* hispânica, forma Dragendorff 18.

Fragmento N.º 11 – Fundo de *terra sigillata* Clara D (Hayes 94?).

Fragmento N.º 12 – Bordo de pote, cerâmica comum.

Fragmento N.º 13 – Bordo de bilha, cerâmica comum.

Fragmento N.º 14 – Bordo de copo, cerâmica comum.

Fragmento N.º 15 – Bordo de pote, cerâmica comum.

Fragmento N.º 16 – Bordo de pote, cerâmica comum.

Fragmento N.º 17 – Bordo de tigela, cerâmica comum.

Fragmento N.º 18 – Bordo de tacho, forma Hayes 197.

Fragmento N.º 19 – Fundo de grande pote, cerâmica comum.

Foi também recolhido um fragmento de vidro de espessura fina, apresentando coloração entre tons azul e verde. Observam-se algumas bolhas de ar no seu interior. Corresponde às formas produzidas nos séculos I, II, III e pontualmente no século IV D.C.

## Bibliografia

- AA. VV. (1987) – Notícia Explicativa da folha 53-A Faro. In *Separata da Carta Geológica de Portugal*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- ALARCÃO, J. (1990) – A Produção e a Circulação dos Produtos. In *Nova História de Portugal (Direcção de Joel Serrão e Oliveira Marques)*, Vol. 1 – Portugal das Origens à Romanização, pp. 409-441. Editorial Presença, Lisboa.
- ALVES, F. J. S.; DIOGO, A. D. & REINER, F. (1990) – A Propósito dos Fornos de Cerâmica Lusitano-Romanos de S. Bartolomeu do Mar. In *As Ânforas Lusitanas – Tipologia, Produção, Comércio*, pp. 193-198. Museu Monográfico de Conímbriga, Conímbriga.
- ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. R. & FREITAS, V. T. (2003) – O Sítio Islâmico do Tejo do Praio, Quinta do Lago, Loulé: uma primeira análise e caracterização. In *Actas do 1.º Encontro de Arqueologia do Algarve*, pp. 247-264. Silves. (Xelb, 4).
- ARRUDA, A. M. & FABIÃO, C. (1990) – Ânforas da Quinta do Lago (Loulé). In *As Ânforas Lusitanas – Tipologia, Produção, Comércio*, pp. 199-213. Museu Monográfico de Conímbriga, Conímbriga.
- BÉMONT, C. & JACOB, J.-P. (1986) – *La Terre Sigillée Gallo-Romaine. Lieux de Production du Haut Empire: Implantations, Produits, Relations*. Paris (DAF, 6).
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – *Guía de la Cerámica Romana*. Zaragoza.
- BERNARDES, J. P. (2005) – A Relação Campo/Cidade. Os casos de Milreu e Ossonoba. In *Caminhos do Algarve Romano*, pp. 35-42. C. M. Faro – Museu Municipal, Faro.
- EDMONDSON, J. C. (1987) – *Two Industries in Roman Lusitania. Mining and Garum Production*. BAR, Int. Der., 362. Oxford.
- ÉTIENNE, R. & MAYET, F. (2002) – *Salaisons et Sauces de Poisson Hispaniques*. Paris, Dif. Bocard.
- FABIÃO, C. & ARRUDA, A. M. (1990) – Ânforas de S. João da Venda (Faro). In *As Ânforas Lusitanas – Tipologia, Produção, Comércio*, pp. 215-224. Museu Monográfico de Conímbriga, Conímbriga.
- FABIÃO, C. (1994) – *Garum na Lusitânia rural? – Alguns comentários sobre povoamento rural do Algarve*. In J.-G. Gorges e M. Salinas de Frias, *Les campagnes de Lusitanie. Occupation du sol et habitats*, pp. 229-252. Madrid.
- FABIÃO, C. (1997a) – A Romanização do Actual Território Português. In *História de Portugal (Direcção de José Matoso)*, Vol. 1, pp. 191-271. Editorial Estampa, Lisboa.
- FABIÃO, C. (1997b) – As *Villae* do Actual Algarve. In *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, pp. 373-385. IPPAR, Lisboa.
- GOMES, M. V. & SERRA, M. P. (1996) – Loulé Velho (Quarteira, Loulé) Resultados da Primeira Campanha de Escavações Arqueológicas (1996). *Al-ulyã Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, 5: 29-49. Loulé.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman Pottery*. Londres.
- IPA – Instituto Português de Arqueologia (2006) – *Base de dados – Endovélico*, Ficheiros html acedidos on-line na internet in [www.ipa.min-cultura.pt](http://www.ipa.min-cultura.pt) em 01-03-2006.
- MARQUES, T. (Coord.) (1992) – *Carta Arqueológica de Portugal – Concelhos de Portimão – Lagoa – Silves – Albufeira – Loulé – São Brás de Alportel*, pp. 185-263. IPPAR, Lisboa.

- MARTINS, I. M. P. (1988) – *Arqueologia do Concelho de Loulé*, 219 pp. Câmara Municipal de Loulé.
- MATOS, J. L. (1996) – Cerro da Vila. *Al-ulyã Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, 5: 23-28. Loulé.
- MAYET, F. (1984) – *Les ceramiques sigillés Hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Iberique sous l'Empire Romain*. Diff. Boccard, Paris.
- MONTENEGRO, A. (1995) – Evolution política durante las dinastias Julio-Caludia y Flavia. Emperadores hispanos, Antoninos y Severos. In José Maria Blásquez et al., *Historia de España Antigua*, Tomo II – Hispania Romana, pp. 289-344. Madrid, Catedra.
- OLIVEIRA, L. de (1977) – Subsídios para a localização de Farroilhas – Antigo porto do termo de Loulé. *Anais do Município de Faro*, VII: 231-273.
- PY, M. (Dir.) (1993) – Dictionnaire des Céramiques Antiques (VIIème. s. av. n. è. – VIIème s. de n. è.) en Méditerranée Nord-Occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan). *Lattara*, Vol. 6. Lattes.
- PONSICH, M. & TARRADELL, M. (1965) – *Garum et Industries Antiques de Salaison de la Mériterranée Occidentale*. Paris.
- SILLIÈRES, P. (1997) – *Baelo Claudia, una Ciudad Romana de la Bética*. Madrid, Casa de Velázquez.
- TEIXEIRA, S. B. (1999/2000) – Contribuição para o conhecimento da evolução do litoral de Quarteira (Algarve – Portugal) nos últimos 8.000 anos. *Al-ulyã Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, 7: 27-53. Loulé.
- T.H.A. III (2003) – *Testimonia Hispaniae Antiqua*, III (*Medio Físico y Recursos Naturales de la Península Ibérica en la Antigüedad*). Madrid.



FIGURA 1. Localização do Sítio dos Salgados e restantes sítios romanos na área do antigo estuário de S. Lourenço, sob cartografia 1/25000.



FIGURA 2. Vista geral do terreno a partir de Este, com localização do corte.

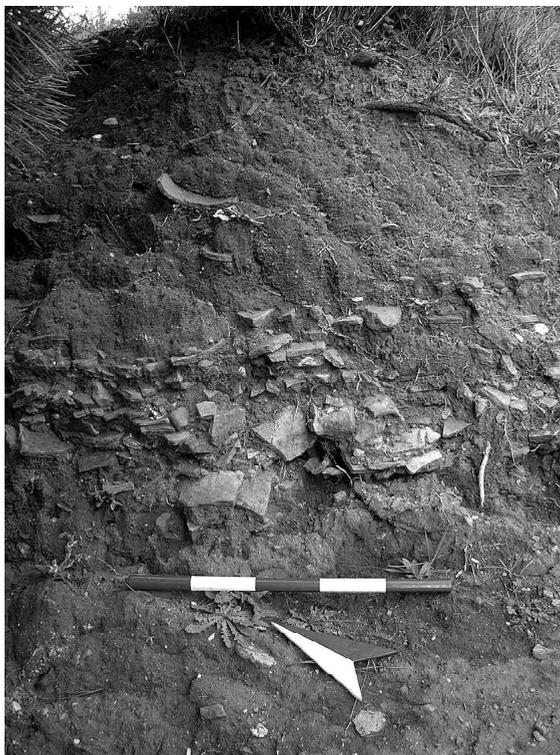


FIGURA 3. Pormenor do corte com concentração de materiais cerâmicos.

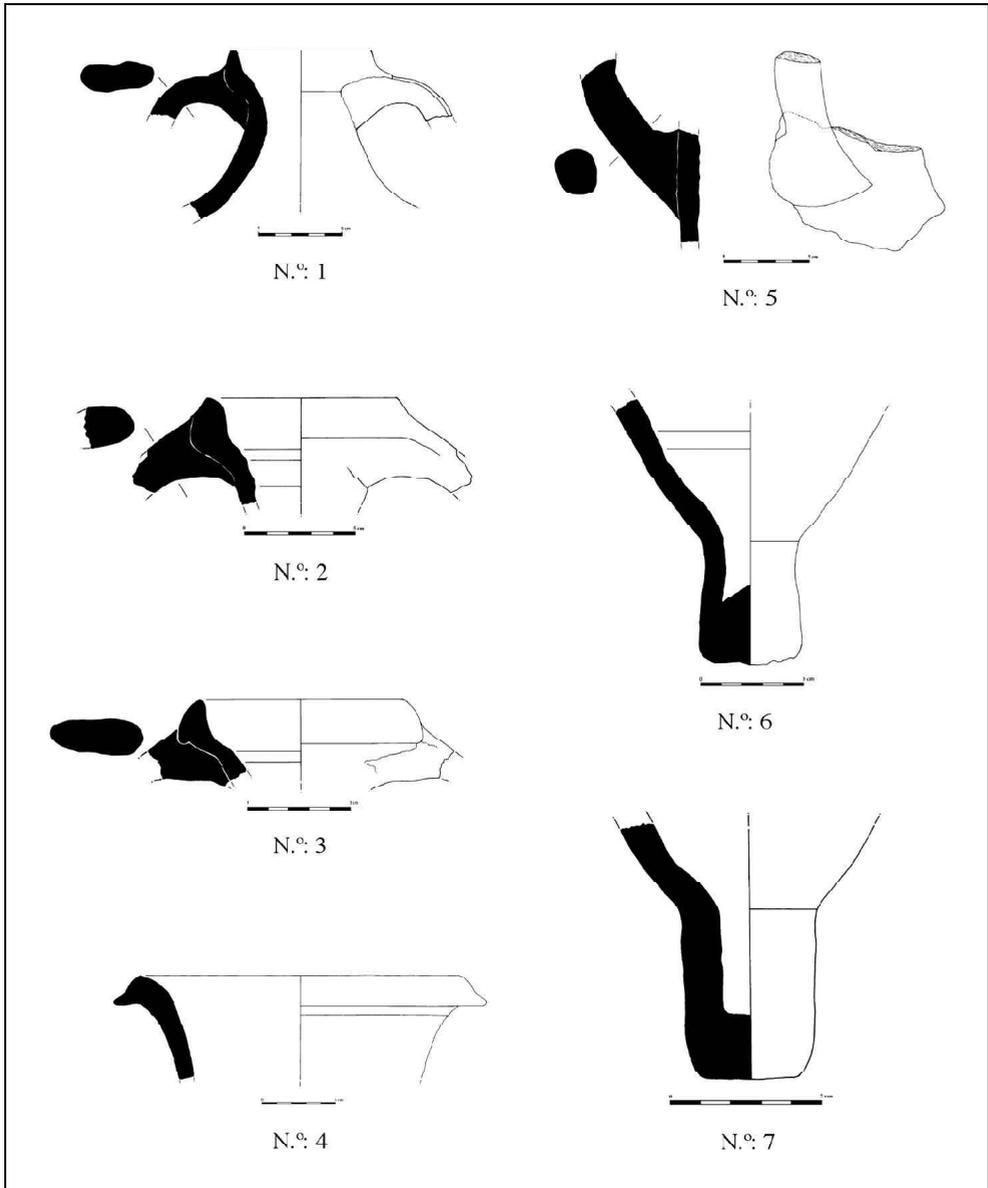


FIGURA 4. Fragmentos de ânforas do sítio dos Salgados.

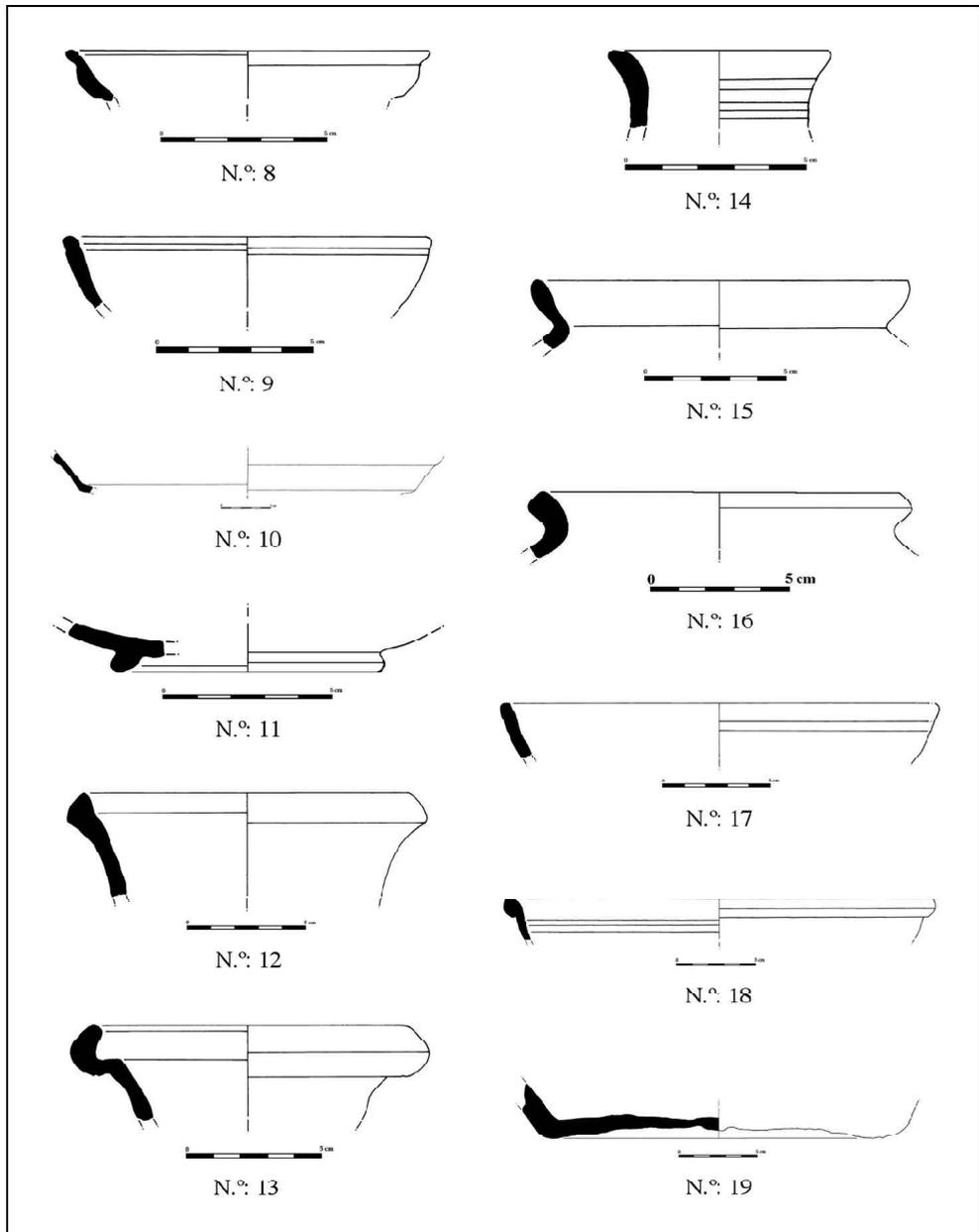


FIGURA 5. Do n.º 8 ao 11 são fragmentos de *sigillatae*; do 12 ao 19 são fragmentos de cerâmicas comuns do sítio dos Salgados.

